

O transporte escolar de crianças do município de São Paulo no percurso da Educomunicação: espaço de mediação e participação social por meio do WhatsApp¹

Giulia BEATRICE PIMENTEL²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Certas mediações no processo de desenvolvimento da criança são invisíveis, e é aqui que reside o presente estudo: construir entendimento, de base educacional, do transporte escolar como mediador, da perspectiva de que uma criança é responsável da comunidade em relação. Por meio de intervenção nesse ambiente com auxílio do WhatsApp, como pesquisa observadora e participante, estuda-se a potência mediadora dessa profissão, como espaço de livre aprendizagem a partir de interações protagonistas das crianças, se assim potencializada pelo entendimento e participação dos familiares e do transportador, percebendo-se, todos, como sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: transporte escolar; infância; educomunicação; educação cidadã; mediação

AMBIENTE POTENTE

É de grande importância para as humanidades tomarmos consciência da sensibilidade humana (Gutiérrez, 1996, p.11-19 *apud* Machado, [200-?], p.9), considerando aspectos que traz Paulo Freire (2014, p.34), e reforçam as ideias de Francisco Gutiérrez, de que ninguém se educa sozinho e, sim, uns com os outros, e isso se dá de forma integral e constante, o que *independe* da idade, gênero e escolaridade, pois é uma característica humana: a busca; que, aí sim, é *dependente* da sensibilidade que cada indivíduo tem para com a vida humana, sua, e do próximo, se achando dentro de uma comunidade que busca e aprende em relação que, por sua vez, é *dependente*, portanto, da comunicação. Paulo Freire explicita essa relação em muitos de seus livros e suas práticas, comprovando que aprendemos inseridos nessa relação, que depende

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Ciências da Comunicação na ECA-USP, Pesquisadora financiada pela CAPES; Pesquisadora-colaboradora no Núcleo de Educação e Comunicação (NCE-USP); Co-fundadora do núcleo regional Litoral Paulista da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educomunicação (ABPEducom); Graduada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP); e-mail: giuliabeatrice@usp.br

estritamente da comunicação, como quando afirma que “o Homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca.” (Freire, 2014, p. 34).

Essa discussão ainda está longe de ser realmente reconhecida e é por este motivo que iniciamos a trilha deste estudo por estas reflexões.

Constata-se, por exemplo, pelas várias tentativas recentes de implementação de escolas cívico-militares vinculadas ao MEC³ em 2020⁴, que possui, dentre alguns aspectos que “os professores são protagonistas”, mas não existe espaço para o protagonismo do jovem; “o papel dos docentes é preservado e ressaltado, seja pela formação profissional, seja por premiação de boas práticas”; “Na educação básica, a proposta é reforçar a disciplina em sala de aula, valorizando o dever de ofício do docente”; “O professor continua a comandar a sala de aula, enquanto a organização e disciplina ficarão por conta de militares”⁵. São nuances na estrutura desse modelo que o faz parecer coerente, mas remonta uma base vertical, disciplinar e meritocrática. Não existe cuidado com aspectos científicos e humanos em comunidade, mas sim cuidado com as hierarquias; se traduz como um caráter monolítico de conhecimento, em que se considera um saber depositado nos estudantes, não dialógico, conservando o caráter pedagógico que ignora as sensibilidades humanas.

Apesar dos avanços de estudos em torno da educação e das juventudes, as mudanças práticas têm sido lentas, e o sistema de capital vigente, os aspectos sociais vivenciados ao norte desse sistema, a estrutura escolar na maioria das instituições e tentativas de novas implementações cívico-militares, fazem valer de uma escassez de sensibilidade. Para que haja maior entendimento, o que traz Gutiérrez e Freire precisa ser somado à compreensão do funcionamento das práticas de produção que moldam todos os campos da nossa vida, em que Han trata de explicitar que “circulam eles (pessoas) mesmos incessantemente como mercadorias e informações” (2021, p.50), assim como denuncia aspectos da tecnologia, alertando que “a comunicação digital consiste de câmeras de eco nas quais antes do que nada se ouve apenas a si mesmo falando. *Likes, Friends, Followers* não formam corpos de ressonância. Apenas

³ Ministério da Educação

⁴ Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares

⁵ Informações acessadas em <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/escolas-civico-militares>

aprofundam o eco de si mesmo” (2021, p.24). Dito isto, a sociedade precisa ser pensada de forma mais consciente.

Existem muitos ambientes -virtual e não virtual- para pensarmos criticamente. E para que se clarifique o contexto da sensibilidade humana, a presente pesquisa se produz em um estudo sobre o transporte escolar, que é um mediador entre escola e família, ambiente potente de livre, primeira e última interação do dia escolar da criança, que pode conter elementos importantes para falarmos das sensibilidades humanas em torno do desenvolvimento da criança e da relação que esse ambiente promove também junto aos adultos, mas que costuma ser um ambiente invisível. O estudo não pretende a denúncia da qual Han traz consigo, mas sim, o entendimento crítico de nosso agir no mundo, com ou sem tecnologias.

TRAZENDO MAIS VIDA ÀS RELAÇÕES DO ESTUDO

Faz parte da sensibilidade do pesquisador entender as nuances ao seu redor para estudar espaços ainda pouco discutidos, como este, para que se preencha lacunas importantes, a contar que, ainda se amplamente discutido, há uma demora social e cultural para adotar-se práticas que considerem o bem-estar -principalmente da criança. Ainda que seja parte importante atentar-se aos aspectos sociais amplos, é igualmente fundamental considerar aspectos sociais particulares de nossa vivência, assim como se deu a temática do presente estudo.

É vital que a sociedade tenha ciência que, ainda quando um indivíduo não é pesquisador acadêmico, é um pesquisador da vida, pois “o compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade” (Freire, 2014, p.22) e, partindo disso, são consideradas pesquisas de observação a convivências que tive como pessoa, amiga e filha de transportadores escolares, ao que se pôde dar sustância a percepção de que não é raro encontrar motoristas que se sentem como meros motoristas, e não como mediadores do processo de desenvolvimento da criança, assim como dessas observações é possível hipotetizar que o transporte não é considerado, pela sociedade, como um espaço de relação potente entre as crianças que ali se encontram. Estes levantamentos não são o recorte principal deste estudo, mas contextualizam o mesmo.

A demanda social aqui presente permeia-se de uma sensibilidade humana individual pertencente à condutora do transporte escolar estudado, que desencadeou

uma preocupação a respeito da participação dos familiares nas atividades escolares das crianças pertencentes ao seu transporte. Essa relação fica mais perceptível em alguns dias específicos, como no dia da fantasia⁶, pela necessidade de participação do familiar na lembrança e organização da roupa junto à criança, já que, trataremos aqui da Primeira Infância: crianças de 4 e 5 anos, estudantes de EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil).

Destas colocações, portanto, a presente pesquisa visa compreender o sensível, ou seja, o complexo, subjetivo e científico, no que há imerso no dizer: "é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança"⁷. O ser humano é naturalmente um ser social, que vive em comunidade e aprende com ela e nela. Dessa forma, em sua individualidade complexa, como descreve Morin, vivemos também uma coletividade complexa e devemos considerar essa multiplicidade na criança também, onde a ideia de Malaguzzi se esbarra e reforça que "esses prazeres que tratam de desenvolver a expressão gráfica da criança toda sua riqueza e complexidade (...) que trata de fruir, como diria Morin, do perigo de uma explicação simples" (Malaguzzi *apud* Hoyuelos, 2020, p.68).

ELOS: SERÁ QUESTÃO DE UMA COMUNICAÇÃO EDUCATIVA?

(...) Peruzzo acredita que a participação da comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita à pessoa tornar-se sujeito de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos à sua cultura (Peruzzo *apud* Salvatierra, p.7).

Disso, tem-se que o conhecimento, em sua complexidade essencial, está em toda a nossa vivência em relação com o mundo. Ou seja, tudo pode tornar-se conhecimento, a depender da postura individual a esse respeito e, para compreender a importância das mediações que ocorrem em ambientes informais, é preciso compreender o ser humano como um ser de comunicação e aprendizado desde seu nascimento, que vive em integralidade. Não há separação entre o aprendizado na escola, com a família, brincando com os amigos ou encontrando o colega da sala ao lado no transporte escolar. Cada relação construída mora em tantas outras relações com o mundo, na história e na

⁶ O dia da fantasia é realizado nessa escola na última sexta-feira de cada mês, cada um com uma temática própria, comunicada aos familiares no início do semestre, para comemoração de todos os aniversários do mês, com intuito de ser um dia de estímulo para a ludicidade das crianças.

⁷ Provérbio africano

cultura. Tudo é próprio da vivência de um mesmo ser humano que vive dentro e fora da escola e relaciona seus aprendizados vividos.

O indivíduo vive em um ambiente histórico e cultural, em condição ao conjunto de produtos, regras e hábitos sociais que vão se constituindo e se reconstruindo; somos seres coletivos, sociais e, de busca e criação, segundo Freire “a dimensão do cultural que em sentido amplo, antropológico-descritivo, é tudo o que o homem [ser humano] cria e recria” (2014, p.75), que é contrário ao indivíduo que replica, repete; este, é aquele que não vive como sujeito, e sim como objeto, assim como uma criança se torna objeto de seu aprendizado quando a informação a encontra verticalmente, como memorização.

Cada um, que em contextos diferentes de vivência, desde a infância, carrega uma bagagem de saberes que precisam ser considerados para que as relações sejam de respeito à vivência própria de cada um, pois “conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem [ser humano]-mundo (...) e se aperfeiçoa na problematização crítica dessas relações” (Freire, 2020, p.42-43) para que haja verdadeira comunicação e, disso, verdadeiro conhecimento. Do contrário, há emissão de comunicados, convencimentos e alienação.

Trato, aqui, da importância de olhar o mundo de forma a estar *com* ele, participando criticamente das mudanças culturais necessárias. A vida, em seu formato complexo de existência, sofre transformações inúmeras, acelerado pelo sistema de produção neoliberal em vigor, fomentando ainda mais a necessária conscientização sobre esse processo, sendo, o indivíduo, sujeito de sua própria existência para que não esteja em inércia (Freire, 2020), comandado pelos interesses do capital, o que não é próprio do ser.

Vivemos em comunicação humana, que é comumente fundida com a mercadológica, quando deveria ser clara sua distinção, por isso, se faz necessário para o presente estudo, diferenciar estas questões. A humana trata de “promover mudança na consciência de si e sobre o mundo por meio da produção de narrativas em diálogo com as demais narrativas existentes (...) de modo a levar as pessoas a se posicionarem a respeito de algo de maneira mais consciente” (Viana, 2021, p.114). A de mercado, pelo seu aspecto inerente à geração de capital, pode levar ao convencimento, alienação,

consumismo, coisas, estas, que ameaçam a existência comunicativa, crítica e criativa da sociedade, o que é, em si, uma incomunicação, que sustenta as desigualdades que presenciamos.

Trago Martín-Barbero para ampliar essa compreensão, na qual ele reflete que “um dos mais claros avanços aponta hoje para a crescente consciência da complexidade (Morin, 2000) (...) da pluralidade de inteligências que entram em jogo quando hoje falamos de conhecimento” (2014, p.87-88). Na linha de pensamento aqui abordada, o avanço de nossa humanidade não deveria, portanto, estar em torno de ganho de capital, e sim, na abertura de compreensão dessa complexidade humana.

Não é necessário, com isso, estar nos “bancos da escola”, como Peruzzo nos traz, para que o indivíduo viva, obrigatoriamente, algum tipo de relação com mundo, para que seja, fundamentalmente, um ser de comunicação e de múltiplas inteligências. A questão é se o ser humano consegue perceber, em consciência, que a vida é mais (sensível, complexa) do que os meios de produção do sistema de capital nos indicam, para viver fora do convencimento que isso implica, para viver a verdadeira comunicação que, pensada dessa maneira, é a comunicação humana, de interação, diálogo, respeito, amorosidade com a vida do próximo, não apenas para sobreviver, mas para viver considerando respeitar-se e apropriar-se de sua própria vivência e ser sujeito de transformações dentro de sua realidade, como relacionou diversas vezes Paulo Freire em seus estudos e práticas educativas. Podemos dizer, então, em viver uma verdadeira comunicação (humanamente) educativa.

A INFÂNCIA COMO RESPONSABILIDADE SOCIAL

(...) Começamos por afirmar que somente o homem, como um ser que trabalha, que tem um pensamento-linguagem, que atua e é capaz de refletir sobre si mesmo e sobre a sua própria atividade, que dele se separa, somente ele, ao alcançar tais níveis, se fez um ser de práxis. Somente ele vem sendo um ser de relações num mundo de relações” (Freire, 2020, p.45-46).

Através da estrutura curricular do curso⁸ disponível (e obrigatório) para formação de condutores de transporte escolar, percebemos que há preocupação em aspectos de segurança física da criança em relação ao automóvel, mas o conhecimento em torno do desenvolvimento e das relações são negligenciadas. Ainda que traga

⁸ Curso regulatório do transporte escolar, disponível em: <https://www.sdtrans.com.br/transporte-escolar/#:~:text=Este%20curso%20tem%20por%20objetivo,dos%20demais%20envolvidos%20no%20tr%C3%A2nsito>

formalizações importantes, como o que dispõe o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), não existe suficiência na formação para que os motoristas entendam seu papel nessa relação educacional. A reciclagem do curso é mandatória a cada 5 anos, e como a própria transportadora trazida para este estudo relata: “não mudam nem um pouco para que seja algo mais válido”.

O transporte escolar estudado nessa pesquisa faz parte do TEG (Transporte Escolar Gratuito), que é um contrato com o município para oferecer transporte gratuito a crianças da rede municipal de São Paulo⁹. Este programa contém uma outra formação exigida¹⁰, focada na compreensão das deficiências e da mobilidade reduzida. Esse curso, de menor carga horária, também é focado na integridade física e é direcionado tanto aos monitores (que são funcionários obrigatórios para atender ao TEG) quanto aos motoristas¹¹. É compreensível que haja, por parte dos transportadores, uma postura preocupada apenas com a parte da segurança física dos jovens, e não com a parte social, cognitiva e emocional.

São 18.117.158 crianças brasileiras¹² que vivem a primeira infância (0-6 anos de idade), mas ainda incompreendida pela sociedade. Essa idade possui um jeito próprio de explorar e se expressar, em uma carga enorme de aprendizados que, se permitido, em diálogo com o mundo, recria e obtém conhecimentos inúmeros, necessários para o seu desenvolvimento que é tão complexo, sensível e rápido. E para prover real segurança para seu pleno desenvolvimento, parece fundamental que estejamos prontos para pensar criticamente a infância para além da integralidade física, como compreensão coletiva, como dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, em vigência pela Lei nº 14.721, a exemplo:

⁹ O TEG não é um serviço para todas as crianças, possuindo algumas regras, dentre as quais estão: atende alunos da rede municipal de até 11 anos de idade que morem a partir de 1,5km da escola, e caso a família se recuse a uma vaga em uma escola próxima, optando por uma mais distante de sua própria escolha, também perderá o direito ao TEG.

¹⁰ Curso regulatório do transporte escolar TEG, disponível em: <https://digital.sestsenat.org.br/cursos/cuidados-especiais-no-transporte-de-escolares-2>

¹¹ Relatando de experiência pessoal como pesquisadora que fez o segundo curso para compreender o conteúdo abordado: apesar do esforço do Detran de pontuar relações com o ECA e com a Constituição, essa temática é mínima, fazendo pouca relação com os demais conteúdos (que trazem todos os tipos de deficiências e suas formas de lidar). Falta aqui um importante aparato relacional que é demandado para entender o que é inclusão, que não se constitui apenas de saber lidar diretamente com a integridade física da criança, mas principalmente saber como a relação cognitiva e social se dá no trabalho do transporte escolar em conjunto com as demais crianças, escola e família. Por falta desse contexto relacional, a própria condutora (professora) das aulas desse curso passou por estes tópicos de forma acrítica, verbalizando que não eram tão importantes na prática. Este artigo promulga o contrário, considerando a parte mais importante da constituição da criança no espaço coletivo.

¹² Dados do Censo Demográfico do IBGE - Nota Técnica: tabela 9514 - população residente por idade divulgada em 2022 e atualizado em outubro/2023.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 1990).

Além do Artigo 4º, a Lei fala sobre o bem-estar comum, aos direitos ao coletivo a fim de propiciar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social das crianças e jovens.

Esse pensar coletivo diz respeito à vida em diálogo e ao cuidado com a infância que deveria estar sendo vivido. O que, de senso comum, ainda é entendido como um período de fragilidade, apenas preparatório para a vida que virá a ser -a vida adulta, é o período de maior potência cognitiva de aprendizado, sendo sustentação para a vida inteira do indivíduo, além de ser uma categoria que compõe a sociedade, influenciando o contexto social e cultural. Como exemplo importante para esta pesquisa, temos os estudos em relação a plasticidade ocorrida no cérebro de uma criança de até 3 anos de idade, o que representa 80% do seu aprendizado em toda a sua vida¹³, contendo nisso, um jeito próprio de explorar e se expressar da criança, que aprende a todo o momento uma carga enorme de coisas que, em diálogo com o mundo e com os outros, se permitido, recria e obtém conhecimentos inúmeros, necessários para sua vivência presente e seu desenvolvimento cognitivo, motor e emocional, que é tão complexo, sensível e rápido.

A criança, quando vista como cidadã participante, compreendida nos seus diversos ambientes frequentados, através de sua rede de apoio com um olhar sensível e atento -que pode, portanto, ser o familiar, o professor, ou o condutor de transporte escolar-, tem maior possibilidade de ser sujeito de seu aprendizado, de representar e internalizar situações construtivas na infância, e tem maiores chances de se tornar um adulto saudável e capaz de transformar sua realidade, impactando, por consequência, a vida coletiva.

Mesmo antes do nascimento existe um ser presente que já está vivendo sua vida com uma potência ainda desconsiderada e mal compreendida, que também impacta diretamente sua própria vida quando adulto e, por consequência, a vida coletiva. Se é este, um assunto tão relevante à sociedade, é preciso buscar meios de colaboração que

¹³ Informações do COMITÊ CIENTÍFICO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA (NCPI) *apud* Instituto Alana: Primeira Infância No Sistema De Garantia De Direitos De Crianças E Adolescentes. Disponível em: https://prioridadeabsoluta.org.br/wp-content/uploads/2019/06/primeira_infancia_no_sistema_de_garantia_de_direitos_de_crianças_adolescentes.pdf

entrelaçam o respeito, o cuidado e a ação. É assunto que diz respeito à mudança cultural, pois cultura é constituída “de significados atribuídos às coisas” (Viana, 2021, p.109) e isso leva tempo, envolve história, crenças e contextos diversos. Por isso é importante considerar esforços coletivos e científicos que evidenciam e legitimam o viver relacional e dialético que visem transformações sociais.

METODOLOGIA - EDUCOMUNICAÇÃO COMO UM CAMPO CIENTÍFICO

Em conjunto deste entendimento das sensibilidades humanas e relações com o mundo, conduzido por levantamento bibliográfico e dados fundamentais para a compreensão aqui presente, foi gestado um ambiente de diálogo e atenção à infância, o que Ismar Soares chamaria de ecossistema (edu)comunicativo, nomeação que traz o sentido humano que existe na comunicação de um ecossistema, que é contrária a comunicação excludente. Educomunicativo na intersecção do campo da Educação com o campo da Comunicação, que “decorre mais propriamente da luta social pelo direito à expressão comunicativa, no âmbito dos direitos humanos, anterior e causador do direito à educação” (Soares, 2009, p.27), em conjunto da hipótese de Eliany Salvatierra Machado, a Educomunicação vai além, por reconhecer “a afetividade, a necessidade do vínculo (...) por propiciar a experiência estética” (2006, p.250-251), e também

(...) percebe-se que os campos da Comunicação e da Educação estão marcados muito mais pela racionalidade, pela tomada de consciência analítica e reflexiva do que pela concepção que acredita que a cabeça que pensa está no corpo que sente, ou seja, em uma experiência que seja estética e não somente analítica” (Viana, 2021, p.113).

Portanto, a respeito da sustentação que o campo da Educomunicação traz para os relatos, observações e transcrições das relações encontradas no ambiente do transporte escolar como ecossistema educomunicativo que seguirão no presente estudo, temos como entendimento que

(...) educomunicação representa um conjunto de noções chaves a respeito do fenômeno da interface comunicação/educação, e que se constitui (...) de práticas de interação e convivência em grupo, centradas na comunicação (...) de modo a se promover a educação para uma comunicação aberta, democrática, múltipla (...) representativa (...) caracterizada por valores humanistas (...) de modo a exercerem adequadamente o direito de comunicação nos contextos e nas condições atuais de um mundo digital e em rede (Viana, 2021, p.113).

Propondo vida a esse ecossistema, o estudo se deu como pesquisa de observação-participante; em observação para análise de um cenário protagonizado pelas crianças, livre para suas demandas espontâneas, assim como da interação entre suas

famílias; participante, a fim de adentrar para perceber, valendo-se dos ganhos existentes entre os laços para o acolhimento com as crianças, como já abordado por estudiosos como a professora Schmidt (2006, [s.n]) em que as diversas abordagens e aplicabilidades científicas clarificam necessários envolvimento considerando que as relações de confiança entre os sujeitos gera diálogo, colocando o pesquisador nesse lugar, assim como faz a Educomunicação, considerando que “a natureza destas complexas relações estiveram, e estão, no centro das reflexões que modelam e matizam as diferenças teórico-metodológicas” (Schmidt, 2006, [s.n]). Dessa maneira, foram levadas em consideração as nuances subjetivas das relações existentes nessa mediação e as sensibilidades contidas no impacto do bem-estar das crianças, de acordo com o levantamento bibliográfico dos contextos aqui citados.

A pesquisa de campo se deu mensalmente (no dia da fantasia¹⁴), no 2º semestre de 2023; esse recorte foi escolhido por ser estímulo à interação em família, à apropriação dos pais quanto às atividades da escola, e à possibilidade de expressão livre e criativa da criança, fundamental nessa faixa etária. Loris Malaguzzi considera aqui, baseado na complexidade emocional das “Cem Linguagens”¹⁵ da criança, as atividades com envolvimento estético na infância “uma forma de conhecimento -ou melhor, de construtividade- de si mesmo (...) e uma forma de comunicação humana” (Malaguzzi *apud* Houyuelos, 2020, p.70). Considerando, portanto, que a fantasia não é só uma vestimenta, mas uma forma lúdica de expressão e tradução de vários aspectos da construção de conhecimento na infância, o estudo delimitou-se à observação, participação e análise da mediação relacionada a essas datas, com as 50 crianças de um transporte escolar.

Considerando que a Educomunicação se faz necessária onde existe uma demanda social, foi então, necessária no processo realizado, por meio de se obter um espaço promotor da comunicação educativa, que iniciou-se com a identificação da dor evidente de algumas crianças que percebiam, durante o trajeto até a escola, que seus pais pareciam ter se esquecido da fantasia. Para tanto, o estudo teve seu início com a mudança de postura da condutora do transporte, que passou a um agir produtor de

¹⁴ O dia da fantasia é realizado nessa escola na última sexta-feira de cada mês, cada um com uma temática própria, comunicada aos familiares no início do semestre, para comemoração de todos os aniversários do mês, com intuito de ser um dia de estímulo para a ludicidade das crianças.

¹⁵ As “Cem Linguagens” da criança, concebida das experiências teóricas e práticas de Loris Malaguzzi, do conhecimento que a criança tem múltiplas formas de se expressar.

sentido por meio dessas percepções, conduzindo a mediação de forma educativa, facilitando trocas via WhatsApp, anterior e posterior a esse dia especial. Trocas em outros dias cotidianos foram facilitadas a partir disso, porém não foram analisadas neste estudo.

O aplicativo de mensagem WhatsApp foi escolhido considerando ser uma ferramenta que já se caracteriza de uso popular¹⁶, mas propondo-se lidar com ela de forma crítica, considerando que o “humanismo e tecnologia não se excluem” (Freire, 2014, p. 28) em que, ao aliar ferramenta tecnológica ao senso crítico, aparta as chances de uma utilização mecânica e alienadora. Um uso em sentido que se faz para além de sua característica instrumental, em que “o ponto-chave para entender quando há ou não uma participação seria: além de somar canais e linguagens, e de usar novas tecnologias de maneira instrumental, há uma mudança substantiva no ser das audiências?” (Orózco Gomes, 2014 p.115).

PROCESSO, ANÁLISES E RESULTADOS

A condução até aqui foi necessária para que a experiência realizada pudesse ser compreendida com tamanha sensibilidade e intensidade que demanda, porque a noção que se tem de um profissional, dependendo da função ou da área, muitas vezes, se reduz a ser bastante mecânica, reduzindo-o a suas funções principais de mercado, gerando uma conduta padrão que pode e deve ser questionada, como é o caso.

De uma postura condicionada apenas à preocupação com a segurança física das crianças transportadas, eximindo-se da relação construtiva com elas ou com os familiares, é possível dar morada a uma relação de cuidado e responsabilidade com a infância, não só com sua integridade física, possibilitando a mediação escola-família, e intervindo para o bem-estar da criança, participante das situações que comprometem o desenvolvimento dela, como foi observado nesse trabalho, o que é também o compromisso com o próprio *ser* humano da pessoa, em sua própria vida, em sua profissão, com o outro, com a infância.

A intervenção se iniciou com uma mensagem no grupo de familiares formado, via WhatsApp, a qual abaixo compartilhada integralmente:

¹⁶ CETIC. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil**. Indicador domicílios que possuem equipamentos TIC. Unidade de análise: domicílios 2015 e 2023. Disponível em: https://data.cetic.br/explore/?pesquisa_id=1&unidade=Domic%C3%ADlios . Acesso em: 20 nov. 2023.

Mães, pais e responsáveis,

Leiam com atenção: toda última sexta-feira do mês é um dia especial para seus filhos na escola. É comemorado o aniversário de todas as crianças do mês com um tema diferente. A escola avisa com antecedência, mas muitos pais ainda não compreendem a importância desse dia e acabam deixando seus filhos de fora dessa brincadeira.

Estou enviando esse texto a todas as famílias porque gostaria de avisar que diversas vezes levo crianças chorando até a escola porque elas começam a perceber que só elas não estão fantasiadas para esse dia especial.

Como podem ver nas imagens abaixo, não precisa ser algo complicado ou caro. Ouvir o que a criança quer e criar junto com ela usando a criatividade conta muito mais nessa hora. Além disso, hoje o tema foi se vestir do que quer ser quando crescer, e isso ajuda a criança a se sentir capaz de sonhar, traz a oportunidade da família conversar com a criança sobre isso, de incentivá-la! Nem todas as escolas trabalham a imaginação e o tempo em família, valorizem isso!

Lembrem-se que as crianças não vão se lembrar do preço que custou uma fantasia, mas do nosso esforço em ouvir e participar desse momento. É só uma vez no mês e as crianças ficam orgulhosas de si e de seus pais nesse dia. Ficam muito felizes mesmo. Outras, muito tristes.

Vamos lembrar que nessa idade a criança não tem capacidade de dar o recado, e fazer as coisas sozinha, então, por consequência, vão entender que não participaram desse momento com os coleguinhas porque seus pais não se importam.

Por favor, olhem as imagens, peguem ideias, participem da vida deles o máximo possível. Pode parecer bobeira para nós, adultos, mas para eles é algo essencial e muito divertido.

Com amor,

Tia Laine [a transportadora]

Das observações com relação à escola, de onde vem todos avisos e lembretes via agenda, percebe-se tentativa de incentivo, mas ausência de explicação da importância desta data especial que poderia ser convite aos familiares a uma compreensão maior. Avisos verbais em reunião não foram considerados neste estudo. Nas imagens abaixo, exemplos dos recados via agenda, o dia 29 sendo anunciado com o tema de Monstrinhos.

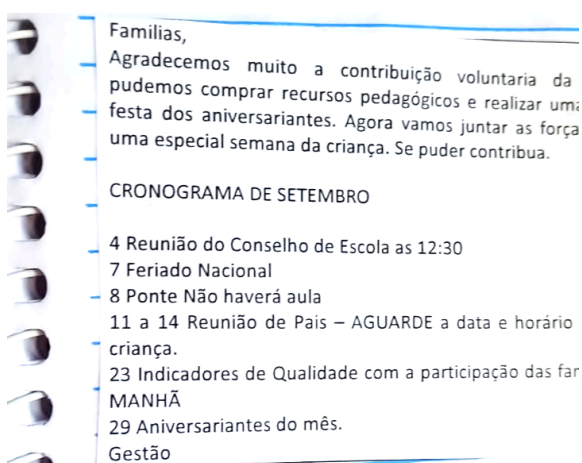


FIGURA 1 E 2: comunicados escola-família

O transporte é lugar de encontro de diferentes grupos e idades, onde cada criança fica no carro em torno de 1 hora, o que, para uma interação livre é tempo suficiente para formarem laços, descobrirem afinidades, gostos, fazerem conexões e desenvolverem muitos aprendizados.

Em qualquer contexto, as crianças não esperam para fazer perguntas e formarem estratégias de pensamento, princípios ou sentimentos. A qualquer momento, em qualquer lugar, as crianças assumem um papel ativo na construção e na aquisição de aprendizagem e de compreensão (Malaguzzi *apud* Edwards, Gandini, Forman, 2016, p.60).

A exemplo das vivências percebidas nesse ambiente, as crianças aprendem rapidamente a habilidade de colocar o cinto de segurança e a responsabilidade de cuidar de sua mochila. Compreendem alguns combinados, assim como todas elas costumam expressar-se livremente em suas interações e em algumas escolhas, como a criança Maria Julia sobre onde se sentar: “Eu gosto de sentar na janela. Eu queria sentar lá trás, mas eu quis sentar na frente pra sentar do lado da Heloísa pra brincar com ela, pra ver a fantasia dela.”

Como já explicitado anteriormente, considerando os vários aspectos da construção de conhecimento na infância por múltiplas expressões lúdicas e livres, a intervenção principal para que se obtivesse um ambiente livre para espontaneidade das crianças no transporte escolar se deu com mensagens estratégicas para os familiares, via WhatsApp. A partir das experiências anteriores com os pais (em que a condutora já se deparou com falta de acompanhamento da agenda, falta de planejamento, ou, também, comentários que “não tinham tempo e dinheiro”), a sequência desta intervenção se deu com o incentivo para que surgissem trocas de ideias entre os participantes (responsáveis das crianças).

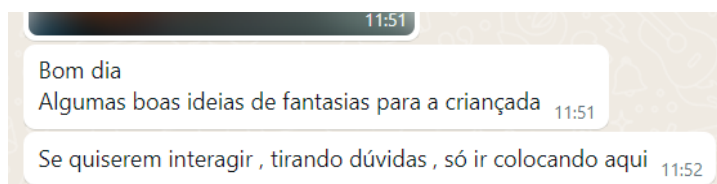


FIGURA 3: mensagem da transportadora incentivando a troca

Por questões práticas, eram dois grupos no WhatsApp, separando a turma da manhã e a turma da tarde e, ao longo de 04 meses, a condutora do transporte mediava as

mensagens que podia passar de um grupo a outro, para garantir incentivo, lembrança e também informação da importância desse momento.



FIGURA 4: mensagem da transportadora compartilhando ideias de um grupo para o outro

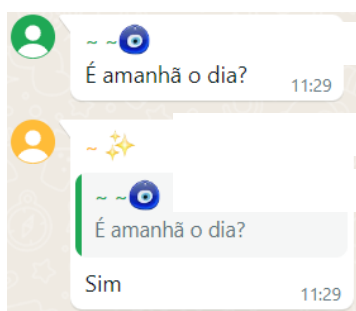


FIGURA 5: trocas entre familiares que serviam como lembretes

A sociedade, em geral, está bastante condicionada a pensar na quantidade de tempo -e não em qualidade-, e no consumo -usando mais capital e menos criatividade-; as trocas entre os pais possibilitaram surgir ideias simples e de baixo custo, que davam abertura para potencializar a criatividade e a qualidade dessa relação, como pode ser visto em comentários como,

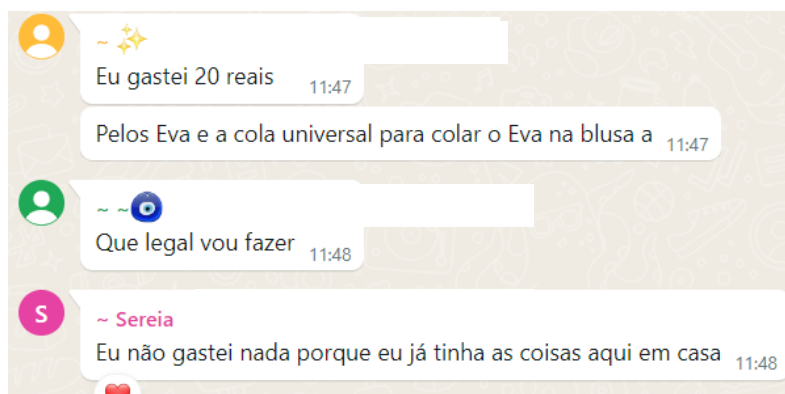


FIGURA 5: troca de mensagens entre familiares

A primeira lembrança que as crianças comunicavam ao entrar no transporte escolar no dia da fantasia, quase em sua totalidade, era sobre quem havia feito a fantasia, e ficavam realmente animados quando tinha algum amigo com o mesmo personagem que o seu. Nenhuma das crianças -25 em cada turno- esboçou qualquer reação de competição ou ofensa, nem em caso de personagem igual, nem diferente.

Maria Julia:

“Todo mundo tá fantasiado lindo!”

Emanuele, mostrando seu arquinho, fala a sua amiga:

“Meu arquinho é pintado com esmalte!”.

Sua amiga responde: “Que ideia legal! Quem teve essa ideia?”

Emanuele anuncia: “Minha avó!”

O ambiente do transporte que, pelo entusiasmo da condutora, já era mais alegre nesses dias diferentes, tornou-se ainda mais afetivo e aberto, porque todos estavam participando: houve entendimento, lembrança e troca, pois possibilitou também que esse dia fosse mais acessível e fácil aos familiares -eles também eram, e se sentiam, participantes. Era grande o entusiasmo de todos os pais na chegada do transporte, animados com a fantasia do filho, e interagindo rapidamente com a dos demais. Esse ambiente pode tornar-se bastante construtivo afetivamente para as crianças, já que é o primeiro encontro com os colegas, antes de chegar na escola. É nesse trajeto que acontecem as primeiras reações sobre as fantasias.

Antoni: "Olha, o monstro!", ao entrar no transporte.

Isabela, ao ver a Monique entrar de coelho, esboça feliz: “Eu sou uma coelhinha também.”, e ao ver Rebeca também entrar de coelho: “Ela tem a mesma orelha que eu! Ela também é coelho!”. Luis completa, fazendo uma associação matemática: “Agora têm 4 coelhos!”

Por isso, ao esquecer o dia da fantasia, os pais produziam no filho um impacto de estranheza logo nesse trajeto. Algumas professoras, quando percebem um incômodo na criança que não está com a proposta de fantasia, conseguem contornar a situação inventando alguma coisa criativa para ela. É natural que os professores tenham cartas na manga, porque o contexto é bem comum em escolas de Educação Infantil, pois é fácil que a criança se sinta estranha e não compreenda o que aconteceu, assim como ocorreu anteriormente no transporte escolar estudado, e a criança em questão chorou o trajeto todo até a escola.

A cada mês, a proposta de interação com e entre os familiares via WhatsApp se reforçava. Esse meio também foi usado para dar visibilidade (através de foto e vídeo) ao comportamento das crianças diante da fantasia e suas interações, que foram inúmeras. Essa foi outra intervenção estratégica: junto das fotos e vídeos, a condutora sempre mandava uma mensagem com sua observação própria em conjunto com a pesquisadora, aproveitando para trazer alguma informação educativa junto disso, propiciando a continuidade de entendimento da importância desse momento na infância, com a intenção de informar, principalmente, na ideia de como Malaguzzi em suas práticas documentais pretendia que houvesse visibilidade para “o nosso modo de ser com as crianças” (Malaguzzi *apud* Edwards, Gandini, Forman, 2016, p.66).

As informações compartilhadas com os pais não foram aprofundadas, mas foi possível visualizar muitos aprendizados acontecendo no tempo do transporte por meio do estímulo da fantasia, o que reforça estudos sociais de Loris Malaguzzi, Vygotsky, Dewey e Piaget a respeito da seriedade da infância, das formas poéticas e diversas de representação que constituem em conjunto e em relação com o ambiente. A exemplo, as crianças Heloísa e Maria Julia, em uma conversa, na tentativa em decodificar alguns contextos sociais:

Heloísa: "Eu era Heloísa, agora eu sou unicórnio! Mas ainda bem que eu não vou lá no céu"

Maria Julia: "Oxi, Heloísa, mas o céu é junto com Deus"

Heloísa reflete se gostaria de estar no céu naquele momento e decide que o unicórnio é apenas uma fantasia: "O unicórnio fica no céu, então eu sou Heloísa".

As amigas continuaram conversando por algum tempo, o que foi possível perceber uma relação do real com imaginário, morte e vida, e tentativas de compreensão do que era possível diante disso. Em seguida, mostraram os detalhes das fantasias uma para a outra:

"Você gostou da minha?"

"Eu amei"

E, a partir disso, começaram a cantar músicas infantis juntas.

Essa interação mostra uma especial tentativa de entender eventos da vida, de forma livre e criativa, com uma importante finalização: cantarolando músicas infantis. Através da música popular infantil, que surge espontaneamente (lembrança trazida pela temática das fantasias) e que parece não ter nenhuma conexão com o assunto anterior, permite que ocorra, além da preservação da cultura, uma importante sensação de acolhimento ao assunto anterior que, de outras formas, poderia gerar sensação de medo e confusão na criança, que consegue, em sua potência, de forma livre, achar formas de expressar e desenrolar necessidades que se prostram diante de suas próprias interações lúdicas.

Como explicitado até aqui, para que houvesse um ambiente realmente livre, que estava sendo espontaneamente relevante, não ocorreu direcionamentos com as crianças, mas houve um momento importante que será relatado aqui nesse estudo, que surgiu a necessidade de interação direcionada, considerada pertinente a ser feita em intenção de descobrir (e partilhar em audiovisual com a família) o motivo de uma das crianças dizer à mãe que não gostava de fantasia. Essa afirmação foi utilizada como parênteses na pesquisa para compreensão dos motivos da criança. O direcionamento foi feito através de uma pergunta: "Você gostou da sua fantasia?", ao que Gabriel respondeu: "Sim. Minha mãe que fez! E o chapéu eu já tinha, meu pai fez isso nele", mostrando o chapéu, e continuou "Eu não gostava antes, porque a fantasia machucava. Agora eu gosto", o que nos indica que a criança tem preferências, gostos e jeitos que devem ser ouvidos e considerados. Estamos realmente dispostos a conversar com nossas crianças? O entendimento do motivo a leva a gostar ou não de alguma coisa, permite que ela seja

compreendida e ajudada a se sentir melhor. Gabriel mostrou com as mãos a forma como a outra fantasia que sempre usava era amarrada, que machucava.

Algumas outras relações foram observadas, como o importante raciocínio de noções espaciais, também possibilitadas pelas diferenças entre as fantasias, como quando Isabela interagiu com minha fantasia:

"Eu tô de coelho também! A minha orelha faz assim pra cima", mostrando que era para o alto, enquanto comparava com a orelha da minha fantasia, que era pra baixo.

Ou quando Ana, no mês que a fantasia era de time de futebol, observou as meias de todas as crianças e relacionou com seu contexto e conhecimento prévios: "Têm vários tipos de meia. Ele veio de meia grande. Meu irmão também tem. É pra não machucar"

Foi possível também observar o quanto o ser humano é um ser social, com necessidade de se sentir pertencente, por isso, não será difícil observar uma criança sentindo estranheza quando não está fantasiada, participando de um momento em que todos estão. Nesse contexto, ela é dependente de seus pais para que também possa participar, portanto dependente que o coletivo entenda a sua real necessidade. Aqui, é dada a importância de cuidado coletivo ao bem-estar da infância que, ainda que potente para fazer suas relações de forma livre, é dependente do coletivo para que isso seja compreendido e possibilitado. Será que não somos todos nós, então, adultos e crianças, dependentes de *ser parte* do coletivo para o nosso pleno desenvolvimento, já que somos seres sociais, em comunicação com o outro, gerando e obtendo conhecimento, e garantindo uma sociedade humanamente abastecida *se* a partir disso?

Alice comenta "Hoje é festa. Pode correr, tia!!" e começa a cantarolar com suas amigas uma canção popular das turmas de escola, com a seguinte letra: "Ô tia, pode correr, que aqui ninguém tem medo de morrer". A amiga Valentina tenta acompanhar falando "Ô tia, cadê você, que aqui ninguém..." e percebe que a letra é outra, recomeça e tentar aprender o que todas estão cantando, tenta ser parte.

Maria Vitória expressa animada: "É a minha irmã! Porque ela tá com a mesma roupa que eu!"

Outro exemplo de reação ao coletivo foi no banco que tinham quatro corinthianos sentados, mas apenas três estavam vestidos com a camisa. Samuel, que

decidiu ir vestido com a camisa do Brasil, em determinado momento fez questão de frisar: “Sabe que eu sou Corinthians também, tá?”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem, hoje, convidaria, com enorme urgência e potência de transformação da realidade social, o coletivo a se revisitar e refletir sobre seus conhecimentos, senão a criança? Esse estudo é um convite a pensar a criança como múltipla, em seus saberes e nos ambientes que convive e, principalmente, como a chave que leva os indivíduos a resgatarem seu olhar coletivo.

Decorrente desse resgate pode vir a abertura à sensibilidade da qual citada no contexto desse estudo, junto de consciência crítica das realidades a serem transformadas e o entendimento sobre as profissões, que antes, conduzidas pela mecanização, devem transformar-se em caminhos de mediações, como cidadãos produtores de sentido na e para humanidade, atores de seus trabalhos.

Este estudo focou em uma interação mais livre, que foi administrada a depender da demanda espontânea das crianças e das famílias levando, principalmente, em consideração as nuances subjetivas das relações existentes nessa mediação e as sensibilidades contidas no impacto do bem-estar das crianças, de acordo com a literatura existente, o que já possibilitou um vasto engajamento, trocas significativas e obtenção de conhecimentos sobre a criança,

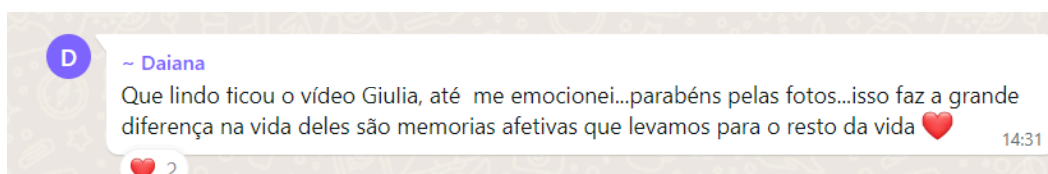


FIGURA 6: mensagem de Daiana, mãe de uma das crianças, via WhatsApp, dia 30 de setembro de 2023. Mensagem que demonstra mais domínio dos pais sobre infância

Assim, estudos futuros que disponham do uso de métodos quantitativos em conjunto dos qualitativos, possibilitando comparações e ampliação dos objetos estudados, trariam dados importantes a serem considerados. Além disso, é sempre necessário revisitar os locais invisibilizados que são parte potente do cotidiano de muitas crianças - *há como tornar mais espaços visíveis e conscientes?*

(...) Conforme aprendemos processos de mão dupla de comunicação, adquirimos maior consciência das escolhas políticas relacionadas à infância, encorajamos adaptação mútua entre crianças e adultos e promovemos o crescimento das competências educacionais dos adultos (Malaguzzi *apud* Edwards, Gandini, Forman, 2016, p.60).

A pesquisa que fundamenta esta publicação é apoiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

REFERÊNCIAS

ALANA, Instituto; NCPI, Comitê Científico Núcleo Ciência pela Infância. **Primeira infância no sistema de garantia de direitos de crianças e adolescentes**. 2019. Disponível em: <https://prioridadeabsoluta.org.br/wp-content/uploads/2019/06/primeira_infancia_no_sistema_de_garantia_de_direitos_de_crianças_adolescentes.pdf> Acesso em: 02 dez. 2023.

BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (vide Lei nº 14.721, de 2023). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União. Brasília, DF. 1990. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm . Acesso em: 02 dez. 2023.

CETIC. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil**. Indicador domicílios que possuem equipamentos TIC. Unidade de análise: domicílios 2015 e 2023. Disponível em: https://data.cetic.br/explore/?pesquisa_id=1&unidade=Domic%C3%ADlios . Acesso em: 20 nov. 2023.

DETRAN. **Condutores de transporte escolar**. SD Trans. São Paulo. Disponível em: <https://www.sdtrans.com.br/transporte-escolar/#:~:text=Este%20curso%20tem%20por%20objetivo> . Acesso em: 20 nov. 2023.

EDWARDS, C., GANDINI L., FORMAN G. - Organizadores em colaboração com Reggio Children e Innovation in Early Education. **As Cem Linguagens da Criança: A Experiência de Reggio Emilia em Transformação**. Tradução de Marcelo Almeida - Volume 2, 3ª ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Tradução de Lilian Lopes Martin - 36ª edição - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação**. Tradução de Rosiska Darcy de Oliveira - 22ª edição - São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HAN, Byung-Chul. **O Desaparecimento dos Rituais: uma topologia do presente**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson - 1ª reimpressão - Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HOYUELOS, Alfredo. **A Estética no Pensamento e na Obra Pedagógica de Loris Malaguzzi**. Tradução de Bruna Villar - 1ª ed. São Paulo: Phorte, 2020.

IBGE, Brasil. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Tabela 9514: População residente por idade divulgada em 2022 e atualizado em outubro de 2023. **Censo Brasileiro de 2022**. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/10091/93473> . Acesso em: 01 dez. 2023.

MACHADO, E. S. **A Educomunicação como produção de sentido**. Disponível em: <https://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/88.pdf> . [200-?]. Acesso em: 15 out. 2023.

MACHADO, E. S. **Educomunicação e experiência estética**. Mídias comunitárias, juventude e cidadania. Belo Horizonte: Autêntica: Associação Imagem Comunitária, 2006. p. 237-253. 2006.

MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL. **Programa Primeira Infância Primeiro**. Brasil. 2022. Disponível em <https://fmcsv.datapedia.info/embed/pdf/q82JayvwmlB1WxpkZLorVXMnDgz7KQoY> . Acesso em: 11/2023

MARTÍN-BARBERO, J. **A Comunicação na Educação**. Tradução de Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Dafne Melo - São Paulo: Contexto, 2014.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

OROZCO GÓMES, Guillermo. **Educomunicação: Recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. Coleção Educomunicação. Tradução de Paulo F. Valério - 1ª edição - São Paulo: Paulinas, 2014.

SCHMIDT, M. L. S. **Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas**. Fascículo de tese (Livre docência em ensaios indisciplinados: aconselhamento psicológico e pesquisa participante). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, v. 17, p. 11–41. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/gCsZ9jM78SQ43SB6twJvytt/?lang=pt#> . Acesso em: 15 out. 2023.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Teorias da Comunicação e filosofias da Educação: fundamentos epistemológicos da educomunicação. Reflexões a partir de uma demanda concreta: a reforma do Ensino Médio, no Brasil**. 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: As múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina**, in **Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2012/2013**. p. 169-194. 2012.

VIANA, C. E. Educomunicação como Eixo da Política Pública do Estado de São Paulo no Âmbito da Educação em Direitos Humanos. **Trajetórias da Educomunicação nas Políticas Públicas e a Formação de seus Profissionais**. Artigo para o II Congresso Internacional de Comunicação e Educação e VII Encontro Brasileiro de Educomunicação. p. 108-129. 2018. Disponível em:
<https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/view/30/22/937-1> . Acesso em: 04 out. 2023.